

A INSURGÊNCIA DOS SABERES SUJEITADOS: (RE)SIGNIFICANDO A IDENTIDADE AFRO NA EDUCAÇÃO DO ENSINO MÉDIO¹

Emannuely Maria da Silva Santos²

Jussara Natália Moreira Beléns³

Maria Luzia Rabelo Campelo⁴

Viviane Ursulino Gomes⁵

INTRODUÇÃO

Nos limites da discussão, e com alguma liberdade, como apresentar um redimensionamento das estratégias para conquistar o respeito à diversidade étnica na educação do ensino médio? Apresentamos uma tentativa de (re)significar a identidade afro a fim de educar para diversidade.

Tendo como base o andamento do projeto Mural da Consciência Negra articulado e idealizado pela coordenadora, continuado pelos preceptores e residentes da Residência Pedagógica e a direção da escola, desde agosto de 2019; que tem como objetivo localizar os corpos negros como produtores de saberes legítimos e reconhecíveis e, sobretudo, que perfazem uma contranarrativa às tecnologias de sujeição no currículo escolar.

Arrematamos a discussão apresentando nossas experiências e interação com os/as alunos/as do ensino médio na construção semanal do projeto para Consciência Negra; tecendo as resistências, o envolvimento, a escolha de figuras afro emblemáticas para o círculo de leitura e discussões. Amarrando as experiências às conexões a partir de Michel Foucault no que denomina a insurreição dos “saberes sujeitos”, faremos o exercício da costura de um locus de significado e visibilidade afro-brasileira para formação de conhecimento, orgulho de (re)afirmação étnica nos/as alunos/as.

¹Esse trabalho é resultado das observações e regências referentes a agosto de 2018 a setembro de 2019 na Residência Pedagógica de Sociologia - CAPES - Universidade Estadual da Paraíba

²Graduanda em licenciatura em Sociologia na Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: mariaemannuely@gmail.com

³Professora orientadora, doutora - Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: jussarabelens@gmail.com

⁴Graduanda em licenciatura em Sociologia pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: marialuza1812@outlook.com

⁵Graduanda em licenciatura em Sociologia pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: viviane2016ursulino@hotmail.com

No mais, consideramos inadiável essa discussão uma vez que a educação esvai-se na perda de sentidos quando em seu próprio calendário escolar comemora culturas de povos não brancos como passado; quando a diferença se estende, também, a desvalorização de religiões de origem africana e afro-brasileira (candomblé e Umbanda), quando torna invisível a produção literária, histórica e científica das pessoas negras. Nosso objetivo é ampliar as perspectivas sobre os estudos afro-brasileiros aos/as alunos/as. Revelando como esses sujeitos não se resignam passivamente em seu lugar de subalternidade e, logo, tecem resistência ao produzir saberes.

METODOLOGIA

Considerando a diversidade de valores e culturas em que estamos inseridos, *pari passum*, o silenciamento de conhecimento acerca dessa diversidade étnica, perfazemos a necessidade de repensarmos nossas crenças que foram socialmente/culturalmente impostas e embranquecidas atendendo aos interesses econômicos, sociais e culturais de estratégias que se espraiam em microespaços sociais, como é o caso da escola pública, onde a maior parte dos jovens estudantes negros/as brasileiros/as encontram-se matriculados/as. A partir das conexões de Michel Foucault (1999) sobre a insurgência dos “saberes sujeitados”, em consonância, as considerações de Sylvio Gadelha (2013), tentamos (re)significar esse saber dissidente como forma de dismantelar as técnicas de dominação.

Assim, percebemos a necessidade de formularmos um projeto pedagógico que permita aos alunos o redescobrimento da identidade afro-brasileira; a organização da lógica do nosso projeto está em articulação direta com o programa da residência pedagógica. Por tudo isso, esse trabalho é fruto do acúmulo das experiências a partir da observação participante e interativa durante as aulas regidas junto ao preceptor através de rodas de diálogos, aulas e trocas de depoimentos sobre a condição de ser e existir enquanto aluno/a negro/a na escola pública.

Dessa forma, apresentamos experiências contínuas para realização de uma apresentação cultural afro, Mural da Consciência Negra, onde os/as alunos/as irão expor figuras negras representativas que marcaram ou que marcam a história brasileira.

DESENVOLVIMENTO

Há tempos as Ciências Sociais tecem sobre a relevância dos saberes afro-brasileiros no interior da educação do ensino médio e suas reverberações, seja para evidenciar as insistentes deficiências teórico-metodológicas, seja para perfazer reflexões sobre os efeitos do racismo no desenvolvimento da subjetivação dos alunos/as.

Alguns desses estudos clássicos são particularizados por não explorar as possibilidades abertas de produzir saberes insurgentes, que evidenciem figuras afro-brasileiras como sujeitos e corpos que produzem ativamente saberes históricos e reais. A propósito, ao expor essa fragilidade, não estamos a deslegitimar as contribuições que esses estudos ofereceram. No entanto, nos atentamos para possibilidade de agregar a perspectiva o enfoque, também, das contribuições afros, a fim de afastar as noções limitadas de constituir a pessoa negra como sujeito inativo, obliterado, passivo, que não produz saber.

Apesar de serem as pessoas negras os sujeitos marcados pela diferença que assim os situam desde o sistema-mundo moderno/colonial, são corpos que se fizeram/fazem interpelação ao status quo através de críticas, produção de outros saberes que os confere visibilidade na cena social.

E sobre o conceito da insurreição dos “saberes sujeitados” nós perfazemos nossas sequências didáticas das atividades durante as aulas. Para Michel Foucault, os saberes sujeitados se caracterizam por: “toda uma série de saberes que estavam desqualificados, como saberes não conceituais, como saberes insuficientemente elaborados; saberes ingênuos, saberes hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível de conhecimento ou da cientificidade requeridos.” (1999, p.12)

Pois bem, Sylvio Gadelha nos mostra a partir das conexões com Foucault como a insurreição dos saberes sujeitados reorganiza “novas táticas de luta contra os efeitos do poder estabelecido, seja pela institucionalização de saberes científicos, seja pela universidade, por aparelhos políticos, escolares, pela ‘rede teórico-comercial’ psicanalista dentre outros.”(GADELHA, 2013, P.26-27, Grifo nosso). Nos atendo a isso, desenvolvemos um projeto dos saberes afros como compromisso ético-político em resposta a um conhecimento hegemônico que tende a “asfixiar” o ativismo e resistência afro.

As atividades realizadas pelo programa Residência Pedagógica, do curso de Licenciatura em Sociologia da UEPB, no período 2018-2019 têm como um dos fundamentos a construção de uma cultura de valorização da identidade negra através da desconstrução da herança histórico cultural do estereótipo negativo do negro, como sujeitos que não questiona o locus de subalternidade; provocando uma desnaturalização do lugar epistêmico do negro nessa sociedade.

A princípio, nossos encontros com os/as alunos/as foram previamente planejados para que pudéssemos organizar a sequência de aulas seguindo o roteiro de estudos estabelecidos pelo preceptor das atividades para realização do 20 de novembro. De início, articulamos uma roda de conversas para discutir como os alunos/as negros/as se sentiam representados/as no livro didático e, a par disso, amarramos a discussão sobre a descolonização do currículo escolar.

A propósito, gostaríamos de pontuar as considerações dos alunos sobre a representação afro no livro didático. Com efeito das discussões, voluntariamente, alguns alunos compartilharam a insatisfação sobre a representação do negro; que, segundo eles, havia uma repetição profunda sobre o racismo, e, curiosamente, o livro não dava continuidade em mostrar pessoas negras como sujeitos que participam da produção de saberes. Nesse momento, a discussão foi “acalorada” sobre a importância da visibilidade de figuras negras nas salas de aula.

Preenchendo horários vagos dos alunos ou quando o professor de sociologia cedia um momento de sua aula para nos aprofundarmos, formamos grupos de estudo durante as aulas para apresentar figuras afro brasileiras que desenvolvem produções literárias e científicas a fim de expor suas conquistas e desconstruir a perspectiva socialmente e culturalmente estabelecida do negro como inferior.

Durante esse percurso de descobertas e redescobrimto, percebemos o quanto as discussões reverberavam no posicionamento dos alunos, nas suas mudanças de opinião e a forma que começaram a tratar do assunto envolvida de pertencimento, principalmente pelo envolvimento dos próprios alunos negros que, inicialmente, pareciam acanhados pela

discussão. À sugestão do preceptor, os alunos se agruparam e nos levaram dúvidas sobre o mito da democracia racial e a política de cotas das universidades públicas.

A seguir, estamos dando continuidade a segunda parte: o estudo dirigido de figuras emblemáticas afro-brasileiras para futura apresentação do Mural da Consciência Negra. Nos dividimos com outros residentes para orientar as leituras dos alunos/as. Situando-os sobre tempo e espaço que as figuras produziram. Adentrando no interior da multidisciplinaridade, entrelaçando gênero e identidade, o nosso grupo de orientandos está lendo e discutindo sobre as principais mulheres da literatura afro-brasileira. Nos becos da memória, de Conceição Evaristo e Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus são exemplo de leituras realizadas durante os dias que antecedem 20 de novembro. E, claro, o estudo sobre a primeira romancista do Brasil, Maria Firmina dos Reis.

Com alguma cumplicidade, foram compartilhadas, em sala de aula, narrativas que remetem a sensibilidade dessas formas de resistências poéticas, que, com muita delicadeza e primor, ferem a realidade estabelecida. Esse redescobrimto do negro como sujeito produtivo, que escreve, que produz ciência, produz saberes locais está sendo fundamental para realinhar os discursos que perfazem os saberes afro no ensino médio da escola pública. Assim como uma alternativa de enfrentamento a formação da baixa autoestima da identidade negra, a segregação no ambiente escolar, a deficiência em reconhecer a importância da luta e resistência afro.

RESULTADO E DISCUSSÕES

O que desde o início nos propusemos a articular junto aos alunos/as são as formas de subversão de um saber que historicamente foi encoberto e silenciado. No entanto, nos sentimos “incompletos” com a abordagem de só identificar as matrizes de poder que institui essa lógica. Ambicionamos, então, algo mais: conceder o espaço as próprias figuras afro, que lhes são de direito, para reverberar suas formas de existência e atuação nas linhas da resistência.

Possibilitando a ideia de que mesmo com o marcador de diferença étnico, o lugar de inferioridade não é o seu lugar. Todas os encontros que são envolvidos pelas discussões, com efeito, tem provocado um melhor desempenho escolar e envolvimento nas leituras e

pesquisas. Além disso, estamos experienciando- semanalmente - o fortalecimento do orgulho étnico-racial no interior das conversas informais pelos corredores da escola.

Fazemos a ressalva de que o enfoque dessa perspectiva de positivar a identidade negra não pode ser vista como uma alternativa temporal relativa ao dia da consciência negra. O fortalecimento identitário deve ser ação prática contínua para uma discussão efetiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde que iniciamos a regência na escola percebemos a carência dos conteúdos referentes aos saberes afro-brasileiros, considerando a preponderância de estudantes negros matriculados. Dessa inquietação, deu-se às discussões e o enfoque deste trabalho. Ao constituir esse projeto, ambicionamos que, futuramente, seja implantado de forma regular, todos os anos, com o intuito de promover uma educação voltada para o respeito e convívio das diferenças; que assim possibilite condições para que os alunos desenvolvam capacidade dialógica e crítica.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: a história da violência nas prisões. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

GADELHA, Sylvio. Biopolítica, governabilidade e educação: introdução e conexões, a partir de Michel Foucault. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. P. 21-48.